

## A REUSABILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS EM SEUS DOIS VIESES

**CASTRO, Paula Zimmer de<sup>1</sup>; SEDREZ, Nairana Hoffmann<sup>2</sup>; VETROMILLE-CASTRO, Rafael<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Letras – Português/Inglês e Literaturas; <sup>2</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Letras – Português/Inglês e Literaturas

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação.

paula.z.c@hotmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

Já é senso comum que hoje em dia a tecnologia faz parte de nossas vidas de uma forma irreversível. O acesso à internet e as variadas tecnologias estão cada vez mais disponíveis a todas as pessoas, e, como consequência de sua popularização, o uso desses elementos vêm influenciando diversas áreas do saber. Essa situação traz a necessidade de que as áreas se adaptem a essa nova forma de interação que surgiu no final do século XX.

No que diz respeito ao ensino de línguas, principalmente de línguas estrangeiras (LE), a modernização também exerceu sua influência. A utilização dos Objetos de Aprendizagem (OA), que, dentre diferentes definições apresentadas em Wiley (2000) e Leffa (2006), são “qualquer coisa digital com objetivo educacional” é um fator que mostra a atenção que tem sido devotada ao uso da tecnologia dentro da sala de aula, o que sugere que as aulas de LE também podem seguir no caminho dinâmico e integrador possibilitado pelas tecnologias digitais, em especial aquelas típicas da Web 2.0.

Entretanto, há uma forte crítica acerca dos OA: a da neutralidade teórica. Foi observado por pesquisadores (BANNAN-RITLAND, DABBAGH e MURPHY, 2000; LEFFA 2006; CAWS, FRIESEN e BEAUDOIN, 2006) que os OA não possuem o embasamento teórico necessário para propiciar o aprendizado do aluno. Ora, qual é o propósito de um Objeto de Aprendizagem se não há aprendizagem propriamente dita, ou se ela é seriamente comprometida pela falta de teorias que permitam sua ocorrência?

Foi pensando nesta crítica que o grupo de pesquisa “Elaboração de materiais e práticas pedagógicas na aprendizagem de línguas”, com o projeto “Línguas Estrangeiras e TICs: aprendizagem de línguas e elaboração de materiais na Complexidade e no Caos” propôs o termo Objeto de Aprendizagem de Línguas (OAL), que tem como embasamento teórico os princípios comunicativos propostos por Canale e Swain (1980). Dessa forma, os OAL respondem à crítica de serem teoricamente neutros, pois para um OA ser considerado OAL, ele deve ser obrigatoriamente baseado em princípios do Ensino Comunicativo de Línguas (CLT).

Além disso, existem outras características que definem um OAL: *granularidade, reusabilidade, interoperabilidade e recuperabilidade* (WILEY, 2000; LEFFA, 2006). Neste trabalho, a característica que será analisada é a da *reusabilidade*, que é o que determina se o OAL pode ser utilizado diversas vezes em outros contextos (MOOR, VETROMILLE-CASTRO, SEDREZ e DUARTE, 2010) sofrendo pequenas alterações ou não. Sabemos que atualmente a falta de tempo é um problema para os professores, e, com a reusabilidade dos OAL, os docentes de LE conseguirão economizar tempo durante a preparação de suas aulas. Segundo Leffa (2006, p.10),

quem constrói os OAs são principalmente professores e isso toma tempo, em princípio mais do que eles têm para dispensar. Por isso, o professor gostaria de reaproveitar o objeto que construiu, não necessariamente repetindo-o de ano para ano ou de turma para turma, mas combinando-o com outros objetos (...).

Existem duas maneiras de avaliar a reusabilidade de um OAL:

1. Um OAL com o objetivo de desenvolver uma habilidade também pode ser utilizado para desenvolver outra habilidade em um contexto diferente (por exemplo, uma atividade de leitura para um nível básico poderia ser reutilizada como atividade de produção oral em um nível avançado), e
2. Um OAL utilizado em certo momento da aula também poder ser utilizado em outro em um contexto diferente (por exemplo, uma atividade de desenvolvimento de uma aula de nível básico poderia ser reutilizada como atividade de introdução ou fechamento de uma aula de nível avançado).

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo verificar se o OAL analisado apresenta os dois vieses da reusabilidade.

É importante destacar que a reusabilidade do OAL não elimina o trabalho de preparação das aulas por parte do professor. Cabe a ele saber selecionar os OAL que lhe são convenientes e ligá-los a OAL diversos, sempre levando em consideração seus contextos de ensino. Os OAL facilitam o trabalho do professor, mas não o substituem.

Portanto, se a reusabilidade dos OAL for eficiente, professores terão mais tempo para organizar suas aulas e assim focar nos aspectos mais relevantes para o grupo em questão. Muitas vezes, a má qualidade das aulas de língua tem a ver com a falta de preparo das atividades propostas, e, nesta perspectiva, os OAL só trazem benefícios – tanto ao professor (que economiza tempo) quanto aos alunos (que são expostos a aulas de qualidade).

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O OAL escolhido para a análise contém várias atividades baseadas na compreensão de três vídeos legendados na língua alvo. O OAL foi produzido para alunos de nível básico e de ensino presencial de uma escola pública. As instruções das atividades propostas são todas em língua portuguesa e visam, num primeiro contexto, à compreensão do conteúdo dos três vídeos propostos bem como ao desenvolvimento das funções comunicativas de “fazer, aceitar e recusar convites”.

Para a elaboração deste trabalho, foi analisada a possibilidade de estas atividades serem reutilizadas de acordo com os dois vieses da reusabilidade. Isto foi feito levando em consideração tanto a dificuldade das atividades propostas quanto sua duração. Também foram utilizados como base os critérios do Quadro Europeu Comum de Referência – Aprendizagem, Ensino e Avaliação (1991)<sup>1</sup> (doravante CEFR), que classifica o nível linguístico dos alunos em Básico, Intermediário e Avançado de acordo com pesquisas e estudos previamente realizados por esta organização. É importante lembrar que o CEFR contempla tanto as habilidades linguísticas quanto as comunicativas do estudante.

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o CEFR: [http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/cadre\\_en.asp](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/cadre_en.asp)

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando a reusabilidade deste OAL, pode-se concluir que é possível reutilizá-lo em seus dois vieses, mas deverá sofrer alterações para que isso aconteça.

O primeiro aspecto da reusabilidade é: um OAL com o objetivo de desenvolver uma habilidade também poder ser utilizado para desenvolver outra habilidade em um contexto diferente. No caso do OAL analisado, a habilidade a ser desenvolvida, em seu contexto primeiro, é a compreensão escrita e oral, que, neste objeto, foi trabalhada através de vídeos legendados. Neste viés, as habilidades de escrita e audição também poderiam ser trabalhadas em nível avançado e/ou intermediário, da seguinte forma: com as legendas retiradas, os alunos, individualmente ou em duplas, escreveriam todas as frases que conseguissem ouvir, com o objetivo de entender o que está sendo dito. Outra atividade possível seria uma discussão acerca da intenção de cada vídeo, sua função e qual público pretende atingir. Essa segunda atividade visaria desenvolver a habilidade de produção oral também em nível intermediário e/ou avançado.

Além disso, o OAL analisado tem por objetivo praticar as funções comunicativas de “fazer, aceitar e recusar convites”. O professor que deseja reutilizar esse objeto pode explorar mais a fundo, além das funções comunicativas, as formas gramaticais que as constituem (como “Would you like to...?”, “What are you doing...?”, “Do you want to...?”). É importante lembrar que o foco será sempre na função comunicativa, mas a forma também não deve ser ignorada – já que não existe comunicação sem domínio da forma (LITTLEWOOD, 1993).

O segundo aspecto da reusabilidade, por sua vez, diz respeito à possibilidade de um OAL utilizado em certo momento da aula também poder ser utilizado em outro em uma situação diferente. O OAL analisado, em seu contexto primeiro (nível básico/presencial), visa cobrir uma aula inteira, ou seja, é introdução, desenvolvimento e conclusão da aula. Em outro contexto, os vídeos poderiam ser utilizados apenas como atividades introdutórias da função comunicativa “fazer convites”, por exemplo. Cabe ao professor decidir qual(is) outra(s) atividade(s) unir ao OAL de introdução. Isso deve ser feito levando em consideração o grupo com o qual o trabalho será realizado.

### 4 CONCLUSÃO

Tendo em vista o exposto, é possível concluir que o OAL analisado pode ser reutilizado em seus dois vieses, de acordo com a fundamentação teórica utilizada.

É sempre importante lembrar que a reutilização deve ser feita levando em conta o grupo no qual o OAL será aplicado, pois muito provavelmente algumas alterações serão necessárias, assim como foi discutido neste trabalho. Tais adaptações ao contexto da turma são importantíssimas, pois são elas que poderão garantir a adequação das atividades ao nível de proficiência dos alunos, e, por consequência, vão possibilitar uma aprendizagem efetiva. É importante lembrar que mesmo com tais alterações, o professor ainda economiza tempo, pois, com a incorporação de um OAL em uma aula, o tempo de preparo ainda fica bastante reduzido.

Sendo assim, quando elaborados e reutilizados conforme princípios teóricos sólidos, os OAL podem ser ferramentas úteis para o ensino de LE. Como

sempre, cabe à capacidade de reflexão do professor distinguir entre o adequado e o inadequado para seus grupos, e, por isso, o ministrante deverá saber escolher os OAL que lhe sejam úteis. Porém, contar com o auxílio dessas ferramentas é uma opção para todos os professores que têm dificuldades em preparar suas aulas devido à constante falta de tempo.

## 5 REFERÊNCIAS

BANNAN-RITLAND, B.; DABBAGH, N.; MURPHY, K. Learning Object Systems as Constructivist Learning Environments: Related Assumptions, Theories and Applications. In WILEY, D. A. (Org.) **The Instructional Use of Learning Objects**: Online Version, 2000. Disponível em <<http://reusability.org./read/chapters/bannan-ritland.doc>>. Acesso em 08 de agosto de 2011.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing. **Applied Linguistics**, 1. p.1-47, 1980.

CAWS, C.; FRIESEN, N.; BEAUDOIN, M. A new learning object repository for language learning: methods and possible outcomes. **Interdisciplinary Journal of Knowledge and Learning Objects**, vol.2, 2006. pp.111-124. Disponível em <<http://ijklo.org/>>. Acesso em 08 de agosto de 2011.

GIBBONS, A.S.; NELSON, J. The Nature and Origin of Instructional Objects. In WILEY, D. A. (Org.) **The Instructional Use of Learning Objects**: Online Version, 2000. Disponível em <<http://reusability.org./read/chapters/gibbons.doc>>. Acesso em 08 de agosto de 2011.

LEFFA, V.J. **Nem tudo que balança cai: Objetos de aprendizagem no ensino de línguas**. Polifonia. Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 15-45, 2006.

LITTLEWOOD, W. Grammar in a Communicative Approach. English Centre, University of Hong Kong. Education Bureau, The Government of the Hong Kong Special Administrative Region, 1993.

MOOR, A.M.; VETROMILLE-CASTRO, R.; SEDREZ, N.H.; DUARTE, G.B.. **Objetos de aprendizagem de línguas: uma proposta**. [texto em finalização] 2010.

VETROMILLE-CASTRO, R. A usabilidade e a elaboração de materiais para ensino de inglês mediado por computador. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 3, n. 2, p. 9-23, 2003.

WILEY, D.A. **Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy**. In WILEY, D. A. (Org.) *The Instructional Use of Learning Objects*: Online Version, 2000. Disponível em <<http://reusability.org./read/chapters/wiley.doc>>. Acesso em 08 de agosto de 2011.